

26 OUT 1997

JORNAL DE BRASÍLIA

DESCONFIANÇA

FHC e Sarney entre tapas e beijos

Exclusão do senador no jantar a Clinton foi o último ato de uma antiga disputa

“Na minha casa, quem faz o convite sou eu”. O Itamaraty levou a culpa, mas a frase seca do presidente Fernando Henrique Cardoso a um amigo revela que foi dele a iniciativa de excluir o ex-presidente e senador José Sarney (PMDB-AP), hoje presidente da Comissão de Relações Exteriores, da lista dos convidados do jantar oferecido no dia 13 ao presidente norte-americano Bill Clinton, no Palácio da Alvorada. Não foi um caso de esquecimento e sim um “troco” aos comerciais do PMDB em que Sarney prega, no horário nobre das emissoras de rádio e televisão, a candidatura própria do partido ao Palácio do Planalto.

Mas depois da “estocada”, vem o que os amigos nordestinos do senador Sarney costumam chamar de “ternurada”. Para garantir a presença do senador na visita que fez há uma semana ao centro espacial de Alcântara, no Maranhão, Fernando Henrique chegou a pedir ajuda à governadora do Estado, Roseana (PFL), filha de Sarney. “O País deve esta obra ao esforço do ex-presidente José Sarney”, disse Fernando Henrique sobre a Base de Alcântara, no programa de rádio Palavra do Presidente. Os dois voltaram juntos para Brasília no Boeing presidencial



Alan Marques

Sarney: mágoa e reconciliação

e não falaram de eleições.

Não é de hoje, nem sem razão, o clima de desconfiança entre Fernando Henrique e Sarney. A série de mágoas e reconciliações que marca o relacionamento dos dois ganhou contornos concretos logo depois que Sarney assumiu a presidência do Congresso, em fevereiro de 1995. Tudo começou com uma surpresa que alarmou os líderes aliados do Palácio do Planalto e foi interpretada como “sabotagem ao Governo”.

Na pauta de votações, a regulamentação do projeto que limitava os juros a 12% anuais, quando a equipe econômica sustentava que a política dos juros altos era um dos pilares do Plano Real. Sarney alegou que fora pressionado a pôr o projeto em votação pelo Supremo Tribunal Federal (STF), para evitar ações populares

contra o Congresso, mas não venceu.

Diferenças - “Como ex-Presidente, tenho muito zelo pelo meu espaço e não permito uma visão de político subalterno, que se engaja subalternamente”, diz Sarney. “O problema é que Sarney tem a visão de um homem do Nordeste, comprometido com uma agenda social que faz parte do discurso do Governo, mas não de sua prática administrativa”, elogia o deputado Sarney Filho (PFL-MA), para marcar as diferenças entre seu pai e o Presidente. E quando o que está em jogo é o espaço do chefe do clã, até a governadora Roseana troca o uniforme de bombeira pelo de guerreira.

Foi assim que ela bateu às portas do Planalto e da direção nacional do PFL. Ao Presidente, comunicou que votará em seu pai, caso ele decida disputar a Presidência. Ao partido, avisou que, neste caso, haverá uma dissidência pró-Sarney no Maranhão. “Na nossa família não há divergências”, emendou Sarney, salientando que a candidatura própria não é contra o Governo, mas a favor do PMDB. “Aceito ser o candidato do partido, mas não disputo com ninguém internamente”, avisa Sarney. A candidatura dele não é uma costura fácil num PMDB rachado. Mas preocupa. Tanto que o Governo e o PFL começaram uma articulação com o PMDB governista.